



## **MÚSICAS QUE VIOLENTAM A MULHER: REPRESENTAÇÕES MACHISTAS NAS LETRAS DO FORRÓ ESTILIZADO**

Autor: Marciano Antonio da Silva

*Universidade Federal de Pernambuco/Campus Agreste*

*E-mail: marcianoufpe@gmail.com*

Orientador: Allene Carvalho Lage

*Universidade Federal de Pernambuco/Campus Agreste*

*E-mail: allenelage@yahoo.com.br*

**RESUMO:** O presente artigo parte da análise das letras das músicas das bandas e cantores de forró estilizado: Saia Rodada, Calcinha Preta, Aviões do Forró e Wesley Safadão, na qual buscamos identificar as relações de gênero que perpassam nesse meio musical. Neste sentido, nosso exercício tem como objetivo geral: Compreender como as relações de gênero se materializam nas letras de músicas de forró estilizado. Adotamos enquanto metodologia para realização do nosso ensaio a pesquisa do tipo qualitativa, onde fazemos um estudo de caráter explicativo. Utilizamos o Método do Caso Alargado, desenvolvido por Boaventura de Souza Santos (1983) o qual nos possibilita analisar minuciosamente as informações presentes nas letras das músicas, e autores tais como Saffioti (2004), Louro (1997), Connell (1990), Teles e Melo (2003), Amorim e Barros (2014), Dallery (1997), DeSouza e Baldwin (2000) para nos auxiliar na interpretação dos dados. Nossas considerações apontam que as letras das músicas difundidas pelas bandas e cantores de forró estilizado contribuem claramente num processo de subalternização e vulgarização do corpo da mulher, onde violam seus direitos e princípios morais, colocando-a num processo de marginalização.

**Palavras-chave:** Mulher(es), Violência, Relações de gênero; Músicas, Forró Estilizado.

### **1- INTRODUÇÃO**

Ao analisar a presença das mulheres na sociedade, percebemos que sua trajetória histórica foi marcada por mecanismos de exclusão, os quais contribuíram negativamente para uma representação errônea da mulher, na medida em que estes deturpam sua imagem e ferem seus direitos, passando a violar seus princípios morais. Tal

conduta se materializou principalmente por meio dos mecanismos de subalternização, silenciamento e opressão que colocaram os sujeitos do gênero feminino a margem da sociedade e das políticas públicas, invisibilizando assim, sua condição de mulher, de ser humano. Dessa maneira, torna-se imprescindível identificar os elementos dessa lógica patriarcal que ainda vigora fortemente através de uma cultura machista na



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociedade contemporânea, para que assim, venhamos desmistificar os artifícios que conotam a integridade da mulher.

Mediante tais reflexões, percebe-se que esse processo de segregação marcado pela subalternização da mulher se configurou enquanto violência, pois na medida em que rompe com os seus direitos e passa a ignorar suas necessidades, desencadeia um leque de ações que reiteraram condições desiguais entre as relações de gênero. A partir de então, é perceptível a presença de discursos machistas que legitimam essa condição de inferioridade, passando a pregar estereótipos da mulher, tratando-a como um ser inferior, delicada, doce, submissa, fraca, o sexo frágil, cabendo a mesma se encontrar numa condição subalterna ao homem. Isso é compreendido na lógica patriarcal como sendo o homem, forte, inteligente e detentor de todo e qualquer poder.

Teles e Melo (2003) nos possibilitam pensar acerca desse processo histórico marcado pela violência dos sujeitos femininos, na medida em que atentam para o conceito de violência de gênero. De acordo com as mesmas:

O conceito de violência de gênero deve ser entendido como uma relação de poder de dominação e submissão da mulher. Ele demonstra que os papéis impostos as mulheres e aos homens, consolidados ao longo da

história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas (TELES; MELO, 2003, p.18).

Nesta perspectiva, percebemos que essa lógica que perpassa as relações entre os gêneros está arraigada em arranjos sociais e culturais, os quais foram impostos num processo de dominação que visava atender apenas os interesses de uma hegemonia.

De acordo com Louro (1997), imerso nas transformações ocorridas no decorrer do final do século XIX e início do século XX, diversas mudanças atingiram o campo social, o que permitiu questionar-se o lugar que vinha sendo destinado e ocupado pelas mulheres seja no cenário político ou social. Para tanto, (re)surgem diversos movimentos, principalmente os liderados por mulheres, intitulados de feministas com questões sobre a mulher, enquanto sujeito de direito, o qual passa a questionar, denunciar e lutar contra aquilo que historicamente foi colocado para as mulheres, principalmente a exarcebação de sua imagem, o(s) lugar(es) destinado(s) a(s) mesma(s), os estereótipos construídos socialmente, e as relações de patriarcado que garantem e legitimam toda e qualquer violência reproduzida culturalmente por considerar o homem enquanto sujeito dominante.



Neste sentido, em meio a atuação dos movimentos feministas, diversos avanços foram obtidos e assegurados a partir das lutas sociais travadas ao longo da história que denunciaram as várias formas de violência sofrida pelas mulheres. Dessa maneira, tais movimentos evidenciavam romper com a cultura machista, patriarcal que foi alimentada ao longo da história através dos diversos espaços e veículos midiáticos que nos últimos 30 anos disseminaram a intolerância e o desrespeito a mulher, tratando-a enquanto sujeito inferior e dependente do sexo masculino. Para tanto, é perceptível que as lutas travadas ao longo da história, ainda se fazem presentes atualmente, visto que a cultura machista continua presente pregando a mulher enquanto objeto do homem, podendo percebê-la na imagem que é representada nos meios midiáticos, principalmente nas letras de músicas que passaram de músicas poéticas nos sambas, bossa nova e MPB, para cachorras, safadas, que não valem nada no sertanejo, funk e forró estilizado, pregando a mulher através de estereótipos que subalternizam e colocam-na numa condição inferiorizada, bem como pregam a violência sexual, o desrespeito, tratando-a enquanto objeto de pertencimento homem. É perceptível que a erotização do corpo da mulher está presente também nos nomes das bandas de forró estilizado, onde as mesmas se

utilizam de elementos depreciativos, como Saia Rodada, Calcinha Preta, Wesley Safadão, dentre tantas outras.

Entendendo tal postura como sendo machista, patriarcal e legitimadora de desigualdades para as mulheres, partimos da análise das letras das músicas das bandas e cantores de forró estilizado: Saia Rodada, Calcinha Preta, Aviões do Forró, Wesley Safadão, buscando identificar que tipo de relações de gênero eles pregam, nesse meio musical. Para tanto, nosso trabalho tem como objetivo geral: Compreender como as relações de gênero se materializam nas letras de músicas de forró estilizado. Nossos objetivos específicos buscam (I) Descrever o modo como as letras de forró estilizado retratam a condição da mulher; (II) Identificar os principais temas e adjetivos depreciativos trabalhados nas letras das músicas do forró estilizado.

## **2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A violência contra a(s) mulher(es): das raízes históricas à contemporaneidade**

Entender os mecanismos propulsores da violência sofrida pelas mulheres pressupõe entender as raízes históricas que remontam esse percurso de transgressão do direito à ser mulher. Nesse sentido, para compreender o conceito de violência nos apoiamos no conceito de direitos humanos apresentado por



Saffioti (2004, p.76), no qual a mesma entende por violência todo e qualquer agenciamento capaz de viola-los.

Essa condição de violência que historicamente vêm sendo imposta às mulheres, pode ser percebida a partir de uma análise do sistema que vigora fortemente na sociedade, o qual é marcado por uma raiz patriarcal que vem construindo novos arranjos sociais, impondo e (re)criando novas estruturas de poder. Para tanto, esse modelo consiste em criar espaços para homens e mulheres na sociedade. Vale salientar que as últimas cabem apenas espaços subalternos, inferiores, os quais apresentam menor prestígio social, visto que este modelo trata as mulheres como sendo incapazes de ocupar espaços que necessitem da tomada de decisões. A partir de então, Saffioti (2004, p. 35) apresenta sua visão acerca da presença das mulheres na sociedade, destacando o processo que perpassa na sua participação social:

As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem (SAFFIOTI, 2004, p.35).

Dessa maneira, compreendemos o patriarcado enquanto um sistema regulador da

sociedade, visto que o mesmo predispõe de instrumentos de coerção e de regulação social, na medida em que passa a reger as relações sociais, tendo por base um viés não cultural, mas um constructo que foi socialmente construído. Nesta perspectiva, de acordo com Connell (1990) podemos perceber o patriarcado como um processo que se dá a partir das:

[...] origens da subordinação das mulheres, as práticas culturais que a sustentam, a divisão sexual do trabalho, a formação da personalidade e das motivações, a política da escolha do objeto sexual, o papel do corpo nas relações sociais, as estratégias dos movimentos de resistência, as condições para uma superação da dominação masculina (CONNELL, 1990, p.85).

A despeito desta perspectiva apresentada por Connell (1990) percebemos que o sistema patriarcal se configura em diversos espaços, sob diferentes formas, no entanto, seu ideal é o mesmo, subordinar a mulher aos ideais do macho. Para tanto, passa a atribuir papéis específicos as mulheres, conforme os artifícios que venham ser satisfatórios para atender essa lógica. Assim, passa a utilizar-se de diferentes mecanismos, principalmente de processos formativos tendo como princípio “educar” as mulheres para atender padrões e prestar serviços aos homens. Vale lembrar que estes serviços estão ligados a papéis internos ao lar, como a procriação dos filhos e cuidados da casa, além de prestar obediência e



serviços a seus maridos, enquanto aos mesmos restam as atividades correspondentes a vida externa da casa.

Concomitantemente é preciso destacar que o patriarcado enquanto sistema de regulação social consegue adentrar diferentes espaços, assim, seu alcance não dar-se apenas a um único perfil de sujeito ou espaço, visto que o mesmo possui diferentes arranjos, conforme apresenta Saffioti (1987, p.16) “O poder do macho, embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e subalternas, nos contingentes populacionais brancos e não-brancos”. Sendo assim, percebemos que as estruturas sociais estão imbricadas por estes arranjos, as quais vem cooperando fortemente para formação de uma cultura machista, a qual vem sendo difundida por aquilo que Saffioti (2004) chama de pedagogia da violência, a qual “[...] se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força-potência-dominação contra as mulheres, em detrimento de uma virilidade doce e sensível, portanto mais adequada ao desfrute do prazer”(SAFFIOTI, 2004, p.75).

## **2.2 Quem é a mulher nas músicas de forró estilizado?**

É sabido que os diversos mecanismos midiáticos atuam significativamente na construção de uma cultura, isto ocorre na

medida em que estes veículos naturalizam determinadas condições socialmente construídas, passando a legitimar como algo normal, comum. É neste campo de representações que podemos perceber a hierarquização das relações de poder, entendendo que estas atendem apenas as classes dominantes que historicamente oprimiram aquelas camadas que não se enquadravam ao seu modelo, o qual este esteve pautado na lógica colonial homem-branco-hétero-cristão-europeu.

Para tanto, vale salientar que as mulheres estiveram presentes num campo que foi altamente inferiorizado, oprimido e silenciado, marcado principalmente pela submissão e obediência aos homens, pois o patriarcado enquanto sistema regente das relações sociais especificou os locais de presença masculina e feminina na sociedade, por compreender que os espaços que demandam poder, autonomia e decisões são pertencentes apenas aos homens, visto que a mulher é ainda compreendida como o ser frágil. Nesta perspectiva, é preciso perceber tais relações enquanto construção social, pois são as características que foram construídas ao longo da história e legitimam essas ações em nome do sistema patriarcal. Louro (1997) atenta que é:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se constituiu sobre os sexos. (LOURO, 1997, p.21)

Cabe ressaltar que o patriarcado além direcionar os espaços e papéis a ser ocupados pelas mulheres, o mesmo vai excluir socialmente aquelas que não aceitarem sua condição e lugar destinado, passando a deturpar sua imagem e rotulá-las como sendo vadias, vagabundas, mulheres não apropriadas para o casamento, visto que as mesmas não se enquadram no modelo arbitrário posto socialmente, o qual deve se encontrar pautado na mulher virgem, boa esposa, fiel e companheira. Podemos constatar tal categoria na letra da música da banda Saia Rodada<sup>1</sup>:

O kit da puta  
E o que todo mundo diz  
Um aparelho nos dentes  
Celular e uma bis  
Tenha cuidado menina quando você  
For sair vê se não usa esse kit pra  
Ninguém te confundir, quem usa esse kit  
quem não e peço  
Desculpas e que tem mulher demais  
E a enfiado de puta (2x)

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.vagalume.com.br/saia-rodada/kit-puta.html>. Acesso em 09/05/2016 às 20:39.

Nesta perspectiva, de acordo com Amorim e Barros (2014, p.415) “[...] apesar dos avanços sociais e políticos, a sociedade atual é marcada fortemente pela desigualdade de gênero, que ameaça, seja na rua, seja em casa, a integridade física, moral, psicológica e sexual da mulher”. Tal categoria fica explícita principalmente nos títulos das letras das músicas, onde estes se revestem de um vocábulo que erotiza, violenta e subalterniza a(s) mulher(es), como os seguintes: Você não vale nada/ A mais puta do mundo/ Carrada de puta/ Caminhão de raparigas/ Mulher não vale nem um real/ Abestalhada/ De rapariga eu entendo/ Mulher quanto mais safada/ Mulher doidera/ Mulher fuleira/ Ela é fuleira/ Louca/ Mulher de motel/ Prima gostosa.

Neste sentido, percebemos que diversos são os mecanismos de violência como aponta Amorim e Barros (2014), podendo estes ser de ordem social, cultural, para tanto, é preciso entender que todos comprometem a integridade da mulher na medida em que disseminam discursos machistas, preconceituosos que ferem com seu direito e liberdade. Podemos perceber tal categoria explícita na letra da música da Banda Aviões do Forró, onde a mesma se utiliza de uma imagem marcadamente machista que foi socialmente construída para representar a(s) mulher(es) nas suas letras. Constatamos tal



categoria no trecho da seguinte música da banda Aviões do Forró<sup>2</sup>:

Essa mulher não vale nem um real

Eu gosto dela e não é da conta de  
ninguém

Por isso agora eu digo Tô decidido!

Se ela não ficar comigo não fica com mais  
ninguém

Nesta perspectiva, através da análise do trecho da música percebemos a desvalorização do sujeito mulher na medida em que a mesma afirma “[...] mulher não vale nem um real”, o que leva a compreender que a mulher é um objeto sem valor, insignificante, legitimando assim uma condição desumana. Esta postura machista coopera negativamente no sistema de representação de gênero, pois, subalterniza a mulher e contribui para sua invisibilidade e desvalorização na sociedade, visto que o posicionamento adotado nas letras de músicas de forró estilizado dissemina a intolerância, assim como demonstra a vulnerabilidade da(s) mulher(es) na sociedade. Mediante nossa análise percebemos uma conduta violenta quando a música atenta contra a integridade da mulher ao destacar “Se ela não ficar comigo não fica com mais ninguém”, ou seja, tal postura retira

a autonomia da mulher, o poder de decisão sobre si mesma, sobre seu corpo, além de tratá-la enquanto objeto de exclusividade masculina. O que nos leva a perceber nessa frase o sentimento de posse, desrespeito, domínio, o que é característico do sistema patriarcal vigente em nossa sociedade. Essa postura hierarquizada que se faz presente nas letras das músicas revela que “Na violência de gênero, a violência é constante, porque a transgressão à autonomia da mulher é algo naturalizado (não natural) [...]” (BARROS; RAVANE, 2014, p.406).

### 3- METODOLOGIA

No presente ensaio adotamos uma metodologia do tipo qualitativa por compreender que este método permite um olhar sensível e profundo para as questões que permeiam nosso objeto de estudo. Neste sentido, nos apoiamos em Deslandes (1994) apud Lage (2014, p.50) quando a mesma retrata que “[...] a pesquisa qualitativa trabalha com universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Sob este olhar atento acerca das questões abordadas, tecemos nossas considerações, tendo em vista que tal metodologia nos permite compreender

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.vagalume.com.br/avioes-do-forro/mulher-nao-vale-nem-um-real.html>. Acesso em 09/05/2016 às 20:42.



aquilo que não está totalmente explícito. De acordo com Lage (2014, p. 50) “Entender as subjetividades e delas extrair novas compreensões requer metodologias claras, que possam admitir a diversidade de discursos, sentidos e sentimentos inéditos dos sujeitos de pesquisa em seus lugares de atuação”.

### **3.1 Tipo de Estudo**

Para realização do presente trabalho fazemos um estudo de caráter explicativo. Segundo Gil (2008, p.28) o estudo explicativo é um “[...] tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (2008, p.28). Assim sendo, é através desse procedimento que adentramos as questões trabalhadas a fim de construir um aprofundamento em torno do tema de estudo.

### **3.2 Método de Pesquisa**

No que se refere ao método de pesquisa adotado, optamos por desenvolver um trabalho a partir do Método do Caso Alargado baseado nos termos de Boaventura de Souza Santos (1983). Entendemos que sua proposta consegue abarcar um elo diferencial na pesquisa, a partir de um olhar minucioso para estas questões, não ignorando as peculiaridades que são estritas a cada fenômeno, seja ele social, cultural. Desta forma, entendemos que esse método consegue

identificar todos os elementos presentes no fenômeno estudado, não ignorando as peculiares que são estritas a cada um. Sob esta perspectiva Santos (1983) menciona que:

Em vez de reduzir os casos as variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhes descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente e único. A riqueza do caso não está no que ele é generalizável, mas na sua amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que constituem (SANTOS, 1983, p.11).

Sendo assim, entendemos que esse método possibilita ao pesquisador/a entender minuciosamente as questões presente nos fenômenos estudados, permitindo um aprofundamento acerca das mesmas.

## **4- O CASO DAS BANDAS E CANTORES DE FORRÓ ESTILIZADO**

Atualmente as bandas e cantores de forró estilizado ocupam um importante destaque no cenário musical contemporâneo, principalmente na região nordeste, tendo suas raízes históricas no chamado “forró tradicional ou forró pé-de-serra”, o qual de acordo com Silva (2010) passou por um processo de modificação onde “A indústria cultural adaptou o forró transformando-o no forró das bandas [...]”. Para tanto, de acordo com o referido autor essa mudança está



atrelada a uma série de mecanismos aos quais divergem da proposta inicial do “forró tradicional ou forró pé-de-serra” SILVA (2010). Ainda segundo o mesmo autor “O forró estilizado tem na indústria cultural o seu maior suporte, uma indústria que descaracteriza o forró, oferecendo para o público ouvinte um produto sem referência cultural e que promove deturpação e degradação do gosto popular” (SILVA, 2010). Sendo assim, partimos dessas considerações para compreender as questões em torno do nosso objeto de estudo.

#### **4.1 A violência contra a(s) mulher(es): das raízes históricas à contemporaneidade**

Ao analisarmos o caso de algumas letras de músicas de bandas e cantores de forró estilizado fica evidente que o único espaço ocupado pelas mulheres nas mesmas são os lugares inferiores, sem prestígio social, marcados principalmente pela sua subalternização, vulgarização do seu corpo. A partir desse viés, essa postura se configura da mesma forma como ocorreu no processo histórico que foi marcado pela inferiorização da mulher pela lógica patriarcal. Neste sentido, entendemos que ao expor sua figura, pregar a intolerância sexual, romper sua condição de mulher, estes elementos configuram uma violência, pois rompem com sua integridade.

Confirmamos este fato no seguinte trecho da música do cantor Wesley Safadão<sup>3</sup>:

Eu vou comprar uma carrada de Puta  
No ramo de puta eu boto pra quebrar  
Eu vou comprar uma carrada de puta  
Quero ver puta pra todo lugar  
Tem puta de todo jeito  
De raça e qualidade  
De todo preço  
Pra sua necessidade  
Uma puta desmantelo  
A putaria vai embala  
Quem gosta de puta  
Ao vivo no Cangáio

A partir de então, é preciso perceber que os mecanismos de violência que se encontram presentes na sociedade, assumiram diversos formatos de exclusão social, visto que as situações de opressão que foram naturalizadas ao longo dos anos, hoje são consideradas violações cabendo medidas judiciais para punir qualquer direito violado. Porém, mesmo havendo medidas que assegurem o respeito e integridade a mulher como a Lei 11340/2006<sup>4</sup> que coíbe qualquer forma de violência, ainda

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.letras.mus.br/wesley-safadao/920105/>. Acesso em 09/05/2016 às 20:45.

<sup>4</sup> Lei nº 11.340 de 07 de Agosto de 2006- Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal ; e dá outras providências.



podemos perceber sua presença na sociedade, o que reforça o quanto nossa cultura patriarcal ainda vigora forte atualmente. De acordo com Dallery (1997, p.64) “As estruturas de linguagem e outras práticas significantes que codificam o corpo da mulher são tão opressivas quanto as estruturas materiais/sociais que tem mediado a percepção do corpo e do ser e suas possibilidades eróticas”. Entendendo que estas estruturas realçam mecanismos legitimadores de uma postura hierárquica que cooperam para situações de opressão. Tal conduta fica explícita na letra da música da banda de forró estilizado Saia Rodada<sup>5</sup>, quando na letra da música vem a seguinte mensagem:

Vaaaaai, dá tapinha na bundinha, vaaaaai  
Que eu sou sua cachorrinha, vaaaaai  
Fico muito assanhada  
Vamos dá uma lapadinha?  
Só se for na rachadinha

A postura assumida na música naturaliza e ao mesmo tempo incita a violência, seja ela física ou sexual, visto que a “tapinha na bundinha” é também o assédio sofrido pelas mulheres nos diversos espaços, no qual foi naturalizado como sendo normal o “macho” em algumas situações sentir a mulher. Neste sentido, a mesma conota a mulher enquanto um objeto de pertencimento exclusivo do

<sup>5</sup> Disponível em <https://www.letras.mus.br/balanca-nenem/739510/>. Acesso em 09/05/2016 às 20:47.

homem, tendo este direito sobre o seu corpo, e isso se concretiza devido o patriarcado realçar o homem enquanto dominante e a mulher como subalterna, a qual deve estar sempre a disposição de suas vontades.

#### **4.2 Quem é a mulher nas músicas de forró estilizado?**

Neste movimento, buscamos compreender principalmente como as bandas e cantores de forró estilizado enxergam a figura da mulher. Dessa forma, percebemos através da análise da banda de forró estilizado Calcinha Preta<sup>6</sup> em sua música realçar a necessidade do macho pela fêmea, mas ao mesmo tempo deslegitima sua importância no seguinte parágrafo:

Você não vale nada,  
Mas eu gosto de você!  
Tudo que eu queria  
Era saber porquê?!?  
Tudo que eu queria  
Era saber porquê?!?

Categorizar a mulher como um indivíduo que “não vale nada” rompe com todos os direitos conquistados pelas mulheres na sociedade, ridiculariza, expõe, rotula a figura da mulher enquanto algo sem valor, sem prestígio, e reforça a cultura machista marcada pela soberania do homem macho, sujeito dominante, detentor de poder. Dessa

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.letras.mus.br/calcinha-preta/1431881/>. Acesso em 09/05/2016 às 20:48.



maneira, fica notório a lógica machista que se faz presente nas letras das músicas, visto que estas incitam mecanismos de violência física, sexual, moral, e a conduta adotada é extremamente arraigada no preconceito de gênero que inferioriza a mulher na medida em que lhe expõe de uma forma pejorativa, desrespeitosa.

Toma gostosa lapada na rachada  
Você pede e eu te dou lapada na rachada  
E aí, tá gostoso? Lapada na  
rachadaaaaaaa.....  
Toma toma tomaa...

De acordo com DeSouza, Baldwin e Rosa (2000, p.485) “Tal vocabulário de significantes sexuais é o indicativo de que as mulheres são socializadas para serem passivas, parceiras sexuais, receptivas, enquanto que os homens são socializados para perseguir, penetrar e dominar”. Assim, a mulher mais uma vez passa a ocupar a obediência as vontades do homem, mesmo que este venha ferir com sua conduta, seu direito de mulher, pois ao longo da história foi construída essa ideia. Neste sentido, Louro (1997, p.121) retrata que “As desigualdades só poderão ser percebidas e desestabilizadas e subvertidas na medida em que estivermos atentas/os para suas formas de produção e reprodução”. Para tanto, necessitamos romper com essa postura hierárquica que compromete a integridade das mulheres na sociedade, para que assim não venhamos cooperar com

mecanismos excludentes que ao longo da história se fizeram presentes numa sociedade patriarcal como a nossa, marcada pela soberania do sexo masculino e pela inferioridade da mulher.

Dessa maneira Amorim e Barros (2014) colocam que:

Debater a violência contra a mulher é, ainda hoje, de extrema necessidade. Isso porque, apesar dos avanços sociais e políticos, a sociedade atual é marcada fortemente pela desigualdade de gênero, que ameaça, seja na rua, seja em casa, a integridade física, psicológica e sexual da mulher. Superar esse modelo de sociedade é crucial para consolidar os direitos humanos das mulheres (AMORIM; BARROS, 2014, p. 405).

Nesta perspectiva, precisamos dar visibilidade a estas questões, entendendo que as mesmas são vistas enquanto situações normais, naturalizadas, para que assim venhamos debater e romper com as mesmas. Entendemos que para romper com essas ações legitimadoras de desigualdades será preciso diversos esforços, sendo estes de ordem tanto teórica como prática.

## 5- CONCLUSÃO

Partindo da reflexão realizada em torno das letras das músicas de forró estilizado, compreendemos que este exercício potencializa um (re)pensar para as estruturas



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociais que estão postas em nossa sociedade, entendendo que as mesmas atuam significativamente na construção e difusão de determinadas ideologias. Desse modo, nosso olhar partiu da representação da(s) mulher(es) veiculadas pelas bandas e cantores de forró estilizado, pois, acreditamos que estes constituem um significativo elemento na sociedade, onde influem (in)diretamente nas relações sociais que perpassam também as relações entre os gêneros.

Nesta perspectiva, nossas considerações apontam que as letras das músicas difundidas pelas bandas e cantores de forró estilizado contribuem claramente num processo de subalternização e vulgarização do corpo da mulher, onde violam seus direitos e princípios morais, colocando-a num processo de marginalização. E como afirma Saffioti (2004, p.71) a “[...] desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama das relações sociais”. Sendo assim, percebemos que as mensagens apresentadas nas letras das músicas são impostas e alimentadas por uma cultura machista, de viés patriarcal.

Para tanto, entendemos que essas mensagens refletem, enquanto um mecanismo de construção e difusão, um veículo de inferiorização da mulher, na medida em que transmitem e reforçam para sociedade

elementos de uma cultura fortemente marcada pela subalternização, silenciamento e exclusão do sujeito mulher, por compreender que nossa sociedade é constituída por diferentes papéis para sujeitos masculinos e femininos no sentido proposto por Saffioti (2004, p.71) quando ressalta que nas “[...] relações entre homens e mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência”.

Sendo assim, acreditamos ser fundamental desconstruir as ideias impostas por uma indústria fonográfica que vende o corpo da mulher, visto que a mesma vem legitimando olhares desiguais para a mulher, as quais podem ser percebidas a partir da forma degradante com que a trata, reduzindo-a em um corpo objeto de vários tipos de violência.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONNELL, Robert W. Como teorizar o patriarcado. In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, Faculdade de Educação- UFRGS, v.16, n.2, p. 85-93, jul./dez. 1990..

DALLERY, Arleen B. A política da escrita do corpo: écriture féminine. In. JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. Gênero, corpo e conhecimento. Tradução de Brítta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DESOUZA, Eros; Baldwin, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. A Construção Social dos Papéis Sexuais Femininos. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000, 13(3), p.485-496. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v13n3a16.pdf>. Acesso em 15/03/2016 às 20:32.

DUARTE, Ana Maria Tavares; BARROS, Ana Maria de; BAZANTE, Tânia Maria Goretti Donato (Org.). Gênero em debate: dialogando sobre educação, inclusão social e direitos humanos. Recife: Autor, 2014.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Ed. Atlas.

LAGE, Allene. Educação e Movimentos Sociais: Caminhos para uma pedagogia de luta. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. O poder do macho. São Paulo: Moderna (Coleção polêmica), 1987.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os Conflitos Urbanos no Recife: O Caso do “Skylab”. <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/In: Revista Crítica, nº 11, maio, p.9-59>. Coimbra: CES, 1983.

SILVA, André Luiz. A descaracterização do forró influenciada pela indústria cultural através das bandas de forró. Revista eletrônica temática. Ano VI, n. 10, 2010. Disponível em [http://www.insite.pro.br/2010/outubro/forro\\_industriacultural\\_bandas.pdf](http://www.insite.pro.br/2010/outubro/forro_industriacultural_bandas.pdf) . Acesso em: 02/05/2016.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. O que é violência contra a mulher. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.